


## Educação para o mercado? Considerações acerca da formação docente do século XXI

Stephanie Barros Araujo<sup>i</sup> 

Secretaria Municipal de Educação, Fortaleza, CE, Brasil

Alisson Slider do Nascimento de Paula<sup>ii</sup> 

Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, CE, Brasil

1

### Resumo

O presente estudo objetiva revisar os elementos que balizam a ideologia existente no programa “Educação para Todos”, voltada à formação docente brasileira e os mecanismos que são utilizados pelos Organismos Multilaterais na formação continuada dos professores que atuam na Educação Básica Pública. O estudo é do tipo bibliográfico e o paradigma epistemológico delimitado para analisar os dados é o crítico-dialético. O delinear do processo histórico da formação de professores no Brasil será ponto de partida para que seja factível compreender a realidade do professor da educação básica na contemporaneidade e como a política e a economia reverbera nas práticas e métodos utilizados nas unidades de ensino escolares.

**Palavras-chave:** Educação. Mercado. Formação Docente.

### Education for the market? Considerations on teacher training in the 21st century

### Abstract

This study aims to review the elements that underpin the ideology of the “Education for All” program, aimed at Brazilian teacher training, and the mechanisms used by Multilateral Organizations in the continuing training of teachers working in Public Basic Education. The study is bibliographical and the epistemological paradigm used to analyze the data is critical-dialectical. Outlining the historical process of teacher training in Brazil will be the starting point for understanding the reality of basic education teachers in contemporary times and how politics and economics reverberate in the practices and methods used in school teaching units.

**Keywords:** Education. Market. Teacher Training.

## 1 Introdução

No referido texto, buscar-se-á desenvolver uma argumentação sobre..., a partir da análise histórica dos pilares que organizam a formação de professores no Brasil na contemporaneidade. Dessa forma, partir-se do entendimento que através

da compreensão materialista-dialética sobre o ser social e sua história, tanto o complexo da educação — que surge como estratégia para assegurar a transmissão dos conhecimentos acumulados historicamente pela humanidade — quanto o conteúdo e a forma do interesse coletivo estão diretamente relacionados à complexidade da evolução da sociedade e, principalmente, aos interesses do sistema socio metabólico do capital, ou seja, da sociedade produtora de mercadorias.

2

Em acréscimo, para que seja exequível refletir e dissertar sobre a perspectiva da formação docente e os meandros existentes, de sua valoração, identidade e saberes, constituição da formação inicial e continuada e as questões políticas, sociais, econômicas e educacionais que envolvem essa temática, é necessário, fazer uma análise de sua história, assim como das contradições que permearam esse processo. Decerto, a formação de professores é reflexo das formações anteriores, a rigor, do que era pretendido pelo Estado, a fim de alimentar o sistema econômico.

O referido texto objetiva revisitar os elementos que balizam a ideologia existente no programa “Educação para Todos”, voltada à formação docente brasileira. Esta pesquisa possui abordagem predominantemente qualitativa, porquanto busca compreender os elementos ontológicos e gnosiológicos do objeto de pesquisa. Partindo de Lukács (2013, p.465), a ontologia entende que o homem é a raiz de seus problemas e solução na vida em sociedade. A gnosiologia, por sua vez, não consiste em fazer uma separação abstrata do que é verdadeiro e do que é falso na representação intelectual, mas leva em consideração que o ser-precisamente-assim a partir de um reflexo, eventualmente falso, camufla-se para exercer funções sociais bem determinadas, como assevera o filósofo húngaro (2018, p.429). No campo do método adotado para a pesquisa, temos um estudo do tipo bibliográfico e o paradigma epistemológico delimitado para analisar os dados é o crítico-dialético (Gamboa, 1998).

A formação docente no Brasil foi forjada na escassez. Saviani (2009) aborda que sempre existiu a necessidade de organizar espaços que pudessem servir para a formação docente e que esta preocupação veio ainda com Comenius, no século

XVII. Todavia, em terras brasileiras, esta questão ganharia corpo apenas com a independência do país, no século XIX.

Diante dos olhos ingênuos, poder-se-ia pensar: A profissão docente tinha seu valor, assim como as profissões relacionadas com o direito e a medicina. Todavia, não. A preocupação em formar novos professores e proporcionar espaços para esta atividade está relacionada exclusivamente com a necessidade de capacitar mais pessoas para as mudanças que estavam ocorrendo da economia local.

3

## 2 O problema da formação docente no cenário da educação voltada para o mercado

Desde a década de 1970, a educação é convocada para remediar os efeitos devastadores do capital. Durante a década de 1990, ocorreu um agravamento desse tratamento dado à educação, quando este complexo passou a ser foco do empresariado e do governo, como apontam Shiroma e Campos (1997).

A necessidade de preparação de recursos humanos qualificados que possibilitem a abertura da implementação de novas tecnologias nas grandes empresas inseridas nos países latino-americanos, e conseqüente entrada destes na economia globalizada, exigiu que houvesse uma reestruturação no processo educacional desempenhado por estes países.

Os Organismos Multilaterais como a Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL), a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), assim como o Banco Mundial, entendem como condição *sine qua non* para o crescimento da economia e administração do pauperismo que assola os países em desenvolvimento a existência de uma política que tenha foco na formação dos indivíduos, garantindo os saberes mínimos que o mercado exige.

Diante desta problemática, a educação subjugou-se ao trabalho em razão da produção de mercadorias e da deformação da consciência do trabalhador. Os professores, neste processo, atuam, como assevera Mészáros (2021), na formação

de pessoas com as determinadas competências exigidas pela sociedade na contemporaneidade, ou seja, servem como corpo privilegiado para a formação dos indivíduos necessários ao capital, tornando-os aptos e adaptados à lógica desse sistema.

Assim, a educação envolve-se num discurso de formação para a empregabilidade, o empreendedorismo e a cidadania, esta última tomada como sinônimo de formação humana (Tonet, 2020). Para que esse tipo de educação seja posta para o indivíduo, é necessário que a sociedade seja “encantada” com um discurso idealista que não responde pelos problemas históricos de nosso tempo.

Dito de outro modo, há um distanciamento entre a realidade – que segue seus caminhos próprios – e o discurso produzido sobre essa mesma realidade, discurso esse envolto em um invólucro mistificador, que esconde as reais necessidades do capital, primordialmente no que se refere à formação do trabalhador e, especificamente, do professor.

De acordo com a pesquisa coordenada por Fernando Luiz Abrucio, intitulada *Formação de Professores no Brasil: diagnósticos, agenda de política e estratégias para mudança*, o *Movimento de Educação para Todos* defende que uma das grandes frentes de impacto na aprendizagem das crianças e adolescentes está interligada à formação docente. O próprio documento titulado *Todos pela Educação*, assevera que uma das cinco frentes políticas é “A melhoria na formação e na carreira do professor”. Corroborando com a análise feita pelo documento, Gatti, Barreto e André (2011) apontam que há uma ausência de profissionais realmente capacitados para seguir a carreira docente, somando-se a isto a insuficiência de políticas docentes capazes de formar, atrair e manter em sala de aula os melhores profissionais.

Uma análise mais acurada, entretanto, demonstra que o problema é mais profundo e está enraizado na própria lógica do capital, tendo o objetivo de formar indivíduos empobrecidos para o atendimento das necessidades do mercado. Provas cabais desse projeto batem em nossa porta: projeto Escola Sem Partido, Reforma do Ensino Médio - Por meio da Medida Provisória (MP) nº 746, de 2016, retirou a obrigatoriedade das disciplinas de Educação Física, Arte, Filosofia e Sociologia.

Destacamos que, através de muita discussão e luta, a Lei 13.415/17 foi aprovada com alterações, e atualmente todas essas disciplinas são consideradas obrigatórias no currículo escolar brasileiro, conforme assegura a Lei nº 9.394/96; e por fim, o movimento de privatização da universidade pública etc.

Voltando aos organismos internacionais, representantes do capital, estes defendem a ideia de que a educação na contemporaneidade seria um dos principais meios pelos quais os países conseguem se desenvolver econômica, social e politicamente. Entre os caminhos capazes de gerar a eficiência educacional estaria o papel desempenhado pelos professores. Como pilares para a formação docente no sistema capitalista, destacam-se a metodologia de ensino, a inserção na carreira e o trabalho pedagógico coletivo.

Com a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, tendo como marco a política de Estado de “bem-estar social” no Brasil e as transformações na importância da educação, foi posto que a qualidade na educação não era restrita apenas ao melhor desempenho e aprendizado dos alunos, mas ao processo construído para a obtenção de tal resultado.

Para que tal empreendimento tenha êxito, seria necessário, segundo os documentos desde a Conferência de *Jomtien*, em 1990, criar *capital humano* e, como consequência, melhorar as condições de vida dos homens, além de promover avanços cognitivos e emocionais. De acordo com o discurso burguês, todas essas iniciativas seriam responsáveis pela promoção da cidadania dos alunos de escolas públicas.

De acordo com Gomes (2016, p. 51):

[...] não tardou para que os organismos mundiais de defesa do capital se empenhassem na reafirmação da cantilena sobre o advento de uma nova era, a era do conhecimento ou era da informação, a qual exigiria de cada indivíduo o desenvolvimento de um conjunto basilar de competências e habilidades capazes de garantir seu ingresso ao incerto mundo novo que se descortinava. [...]. No bojo desta frutífera parceria, a atividade educacional tem sido constantemente convidada a sucessivas revisões, sendo, uma vez mais, chamada a dar conta dos problemas do mundo, prescrevendo-se, para esta, contudo, a efetivação de profundas reformas que promovam o ajuste provincial, o que foi consignado, fundamentalmente, na fórmula do projeto de Educação para Todos.

Nas décadas pós-Constituição tivemos, no governo Itamar Franco (1992 - 1994), apoio à criação de *Institutos Superiores de Formação de Professores*, com o foco não mais no desenvolvimento das pesquisas e no atendimento das especificidades presentes na universidade, mas moldando a formação docente para atender exclusivamente às necessidades da burguesia para a formação do trabalhador. A citação abaixo é clara nesse sentido:

6

Seria bom atrair pessoas com mais capital social e de outras classes sociais, e devemos atuar para que isso possa ocorrer, mas isso demorará um tempo e nos próximos anos ainda teremos o desafio de transformar jovens mais pobres em bons professores para outros jovens mais pobres. (Abrucio, 2021, p. 38).

Com o governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), houve a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica Nacional, em 1996, apontando que os cursos de licenciatura e de Pedagogia, devido ao maior grau de escolaridade, trariam automaticamente mais qualidade ao corpo docente da Educação Básica. Em paralelo, neste mesmo período, ganha destaque o interesse em estabelecer um curso de Normal Superior, visando mudar da formação pedagógica. O foco é deixar isolado o campo da pesquisa crítica, afinal, quanto mais questionamentos são lançados ao cenário educacional, mais podemos entender quão precários são os conhecimentos destinados à classe trabalhadora.

Com o governo de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010), houve, no cenário educacional, a extinção dos processos de formação de professores fora dos cursos universitários, com exceção dos fornecidos pelo Instituto Vera Cruz e Instituto Singularidades, ambos em São Paulo. Como contradições do capital, o modelo fornecido pelas universidades é visto como formador de “pensadores da educação” e de ideólogos, ao invés de docentes preparados para as escolas públicas da Educação Básica, tanto em relação à metodologia quanto à orientação vocacional.

Entretanto, em Lukács (2013, p. 467), percebemos que, independente das ideias que os professores apresentem aos seus alunos da educação básica em sala, estas crianças e jovens recebem informações para além da escola – elas são influenciadas por suas dinâmicas na sociedade. Assim:

[...] a verdade ou a falsidade de uma opinião não faz dela uma ideologia. Nem um ponto de vista individualmente verdadeiro ou falso, nem uma hipótese, teoria etc., científica verdadeira ou falsa constituem em si e por si só uma ideologia: eles podem vir a torna-se uma ideologia. [...] podem se converter em ideologia só depois que tiverem se transformado em veículo teórico ou prático para enfrentar e resolver conflitos sociais, sejam estes de maior ou menor amplitude, determinantes dos destinos do mundo ou episódicos.

7

Nesse contexto, é urgente que façamos o movimento empreendido por Kosik (1976, p. 11-2), que advoga que a apreensão do fenômeno e da essência somente será possível se fizermos a leitura da realidade como ela é. Com isso, ler nas entrelinhas o discurso burguês, esforçando-se constantemente para perceber que o fenômeno existente, desde a ruptura com o comunismo primitivo, e principalmente com a adoção do capitalismo, indica a essência do problema, ao mesmo tempo que a esconde.

O fenômeno tende a indicar algo que não é ele próprio, todavia, o mesmo só vive graças ao seu contrário. A essência, esta, é mediada pelo fenômeno e, em resumo, é na manifestação do fato que ela revela seu movimento e demonstra que a essência não é inerte, muito menos passiva. Com isso, devemos fazer constantemente os caminhos de ida e volta das problemáticas vivenciadas no cotidiano, buscando sempre enxergar para além do que é exposto.

Nessa lógica “reformista”, a formação do professor, para o capitalismo, deve ser minimamente eficiente no campo da reflexão, sem que passe pelo campo da revolução. O ataque feito à universidade como espaço de pesquisa se justifica, pois é dela que deveriam sair professores com caráter “menos conteudista”. Ao professor é dada uma máscara ideológica com duas faces: a do caminho para a ascensão, e a de responsável pela formação subversiva dos “cidadãos”.

Analisando o retrato da educação brasileira após a Conferência de *Jomtien*, houve um crescimento da provisão educacional pública (Educação Básica), a formação de professores, num contexto de grande expansão, vem ocorrendo nas instituições privadas por meio de programas como o Programa Universidade Para Todos (PROUNI) e Fundo de Financiamento Estudantil (FIES).

A procura pela Educação a Distância (EaD) na última década em instituições públicas e privadas é significativo. No âmbito da educação pública temos, ainda, o Plano Nacional de Formação da Educação Básica (Pafor), que atende a licenciatura com formação inicial e continuada, além da formação pedagógica. Contudo, Gatti, Barreto e André (2011) aponta que 90% das matrículas na modalidade EaD ocorrem em instituições privadas, o que mostra a opção do Governo Federal em incentivar o setor privado em detrimento da coisa pública. Se por um lado é nas universidades públicas que se obtém as melhores notas do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE), é no ensino superior privado que estão aqueles alunos possuidores da experiência prévia na docência. Como o foco é na didática e na metodologia, e não na qualidade em sua fidelidade, é esse tipo de educação que o governo brasileiro elege para dar como proposta de educação para todos.

Diante do que nos é posto como ideário para a formação dos trabalhadores, percebemos um aumento significativo da precarização dos saberes, mascarado como benefício e acessibilidade da classe trabalhadora aos bancos escolares em todos os níveis de educação, principalmente ao ensino superior. Por fim, Adam Smith, ao tratar dos assuntos ligados à formação dos trabalhadores, asseverava que era necessário garantir a instrução para os trabalhadores, porém em doses homeopáticas, para que estes não adquirissem consciência crítica do real e tivessem acesso ao patrimônio espiritual.

Na atualidade, tal indicação de Smith é seguida à risca, principalmente no que tange à agenda neoliberal, por meio dos documentos elaborados pelos organismos internacionais sob a figura do Banco Mundial. O que o capital exige dos países que sofreram com seu ceпо é a amenização dos males que o próprio sistema plantou em suas colônias de exploração. Uma das faltas mais graves dessa questão é a aquiescência das subjetividades, fazendo os trabalhadores acreditarem que o mundo mudou e que estaríamos caminhando para uma nova era, marcada por novas relações sociais mais humanas.

Neste sentido, o poema abaixo mencionado – e de verdadeira autoria do poeta brasileiro Eduardo Costa – ilustra, no máximo de sua radicalidade, como se expressa a classe trabalhadora perante as inúmeras exigências que são feitas pelo



capital internacional, que incute diariamente em nossas subjetividades que a solução estaria exclusivamente na educação, tarefa para a qual seria indispensável que escola, professores e comunidade investissem na melhoria do processo educativo, cujas respostas devem ser imediatas para sanar problemáticas pontuais.

Na primeira noite eles se aproximam e roubam uma flor do nosso jardim. E não dizemos nada. Na segunda noite, já não se escondem: pisam as flores, matam nosso cão, e não dizemos nada. Até que um dia, o mais frágil deles entra sozinho em nossa casa, rouba-nos a luz, e, conhecendo nosso medo, arranca-nos a voz da garganta. E já não podemos dizer nada. (Costa, 1985, p. 47).

Ademais, ainda sobre a aquiescência da subjetividade dos trabalhadores, a importância outorgada à educação é posta como essencial para o aumento da competitividade econômica nacional e subsequente melhoria das condições de inserção do país no contexto da nova ordem mundial. Assim, integram a lógica do capital: Eficiência produtiva e a eficácia. A ajuda dada é fornecida sobre certas condições, buscando em grande parte alcançar resultados mensuráveis que disciplinem os comportamentos dos beneficiados e, consecutivamente, fortaleçam o discurso da cidadania.

### 3 Considerações finais

Sobre o complexo Educação em sua gênese, tratamos da desmistificação da formação integral nos moldes do capital. É urgente que se difira uma educação pautada exclusivamente para o trabalho alienado e/ou para o capital e uma educação de saberes verdadeiramente postos, sem contaminação de conceitos e saberes. O ensino e o contato que existe entre professor e aluno não deve jamais transcender o acordo feito para o domínio do capital nos setores atuais. Em seu duplo papel, a educação na sociedade capitalista se abstém de cunhar uma ordem revolucionária na classe laboriosa, isso porque, para que conseguisse agir sob tal ímpeto, a sociedade já precisaria ter recebido injeção suficiente de criticidade e abstração do que existe apenas na aparência da realidade.

Baseados na compreensão onto-marxiana acerca do homem e de sua história, entendemos que, assim como o complexo da educação – que surge como estratégia para garantir o repasse dos conhecimentos construídos historicamente pelos homens –, a ideologia surge com a premissa de ordenar decisões isoladas em um contexto de vida geral dos seres humanos, esforçando-se para esclarecer ao indivíduo como é indispensável para sua própria existência avaliar as escolhas dos homens de acordo com a sociedade.

10

O conteúdo e a forma do interesse coletivo são diretamente proporcionais à complexidade de evolução que a sociedade se encontra. Na letra de Lukács (2013, p. 465), a ideologia é um meio de luta que caracteriza as sociedades desde, pelo menos, a “pré-história” da humanidade. O sentido pejorativo da ideologia aparece justamente nestas lutas, tornando-se tão importante por garantir que:

[...] quanto menos os seres humanos de certa fase de desenvolvimento são capazes de apreender seu ser verdadeiro, tanto maior tem de ser o papel daqueles complexos de ideias que eles formam diretamente de suas experiências do ser e projetam analogicamente no ser para eles ainda inapreensível objetiva e realmente. (Lukács, 2010, p. 43).

Por se tratar de um complexo dinâmico, faz-se essencial compreender seu funcionamento na totalidade. Para o filósofo húngaro, a totalidade da ideologia está intrínseca à sociedade e, como o real caráter desta não recebe a devida atenção pela burguesia e seus defensores dogmáticos, os mesmos não enxergam que é na práxis humanas que se constitui o objeto e a base real da ação ideológica.

Assim como no campo econômico e social, entendemos que, no campo educacional, a ideologia, como assevera Lukács (2013, p. 480), somente pode ser compreendida por meio de sua atuação na vida dos homens. Nosso objeto consiste em apresentar como a ideologia de um movimento capitalista interfere na formação e consequente prática docente dos trabalhadores que são responsáveis por compartilharem o mínimo com sua classe, no que tange aos saberes que a sociedade conseguiu produzir. Relatar e problematizar as verdadeiras intenções do *Movimento de Educação para Todos* por meio de suas ideologias não pode estar

separado da ideia de que não existe uma política de auxílio à ascensão ou equidade social dos homens, afinal, como Marx bem metaforizou sobre o *pecado original*:

Numa época muito remota, havia, por um lado, uma elite laboriosa, inteligente e sobretudo parcimoniosa, e, por outro, uma súcia de vadios a dissipar tudo o que tinham e ainda mais. De fato, a lenda do pecado original teológico nos conta como o homem foi condenado a comer seu pão com o suor de seu rosto; mas é a história do pecado original econômico que nos revela como pode haver gente que não tem nenhuma necessidade disso. Seja como for, os primeiros acumularam riquezas e os últimos acabaram sem ter nada para vender, a não ser sua própria pele. E desse pecado original datam a pobreza da grande massa, que ainda hoje, apesar de todo seu trabalho, continua a não possuir nada para vender a não ser a si mesma, e a riqueza dos poucos, que cresce continuamente, embora há muito tenham deixado de trabalhar (Marx, 2021, p. 785).

Historicamente, com o processo de transição dos sistemas econômicos, muitos foram os que criticaram a ideia de redução da pobreza. Entre os séculos XVII e XVIII, o teórico Thomas Malthus – economista britânico, defensor dos ricos proprietários de terra –, via na sua teoria sobre o *princípio da população* explicação e justificativa para a permanência da penúria na sociedade. Em discordância com este pensamento, William Godwin, teórico contemporâneo de Malthus, expressou a ideia de que “os ricos são direta ou indiretamente os legisladores do Estado, por isso, estão sempre transformando a opressão em sistema” (HUNT, 2005, p. 69). Sob esta perspectiva, as ideias de Godwin refletem o que vivenciamos na contemporaneidade, mas de forma mascarada. Existe uma falsificação em nome de uma dita *democracia de oportunidades*, em que é posta a imagem de ascensão social desde que o indivíduo faça, por si mesmo, um movimento de mudança, não levando em consideração o meio do qual este faz parte.

Sobre a formação necessária ao capital, Marx (2021, p. 44) desvela que, quanto menor é o tempo de formação profissional exigida por um trabalho, menores seriam os custos de produção do operário, menor seria o preço de seu trabalho, de seu salário. Ademais, para o funcionamento da maquinaria, faz-se preciso a formação de homens que tenham conhecimento para manuseá-la, e é a escola,

principalmente na figura do professor, quem, predominantemente, está formando novos exércitos para atender às demandas exigidas pelo mercado.

Acerca da pedagogia das competências, dentre outras, defendida por ideólogos preocupados apenas em manter a ordem do sistema capitalista, Maia e Jimenez (2013, p.115) afirmam que o modelo de competências aponta não para a aprendizagem de conteúdos e habilidades, mas para o aprender a aprender, no qual, muito longe de atuar na apreensão de informações, ou aquisição da capacidade de atuar no mundo como sujeito social, apontam para a reformulação do sistema educacional, interferindo na realidade da escola e nas relações estabelecidas entre professor/aluno. Mészáros, n' *A Educação para além do capital*, denuncia que o tipo de educação institucionalizada, em especial, nos últimos 150 anos, serviu, de modo geral, ao propósito de não apenas fornecer os conhecimentos e a mão de obra necessária à maquinaria produtiva, mas, sobretudo, gerar, transmitir e legitimar os interesses da classe dominante. Assim, ao passo que esse discurso ganha força, deveria existir, simultaneamente, adulteração ideológica da história dos homens, para que estes não acreditem em outra alternativa histórica para além do sistema do capital.

## Referências

ABRUCIO, Fernando Luiz. **Formação de professores no Brasil: diagnóstico, agenda de políticas e estratégia para mudança.** São Paulo: Moderna, 2021.

COSTA, Eduardo Alves da. **No caminho, com Maiakóvski.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

GAMBOA, Silvio Sanchez. **Fundamentos para la investigacion: presupuestos epistemológicos que orientan al investigador.** Bogotá: Editorial Magistèrio, 1998.

GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá.; ANDRÉ, Marli Eliza. **Políticas docentes no Brasil: um estado da arte.** Brasília: UNESCO – Brasil, 2011.

GOMES, Valdemarin Coelho. Política educacional no Brasil em termos de crise estrutural do capital: propostas globais para ações locais. In: ZIENTARSKI, C. **Escola da terra Ceará: conhecimentos formativos para a práxis docente do/no campo.** Brasília: Triunfal Gráfica e Editora, 2016.

LUKÁCS, Gyorg. **Para uma ontologia do Ser Social II**. São Paulo: Boitempo, 2013.

LUKÁCS, Gyorg. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social**: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível. São Paulo: Boitempo, 2010.

KOSIK. Karel. **Dialética do Concreto**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

MAIA, Osterne.; JIMENEZ, Maria Susana Vasconcelos. **A chave do saber**: um exame crítico do novo paradigma educacional concebido pela ONU. Fortaleza: EdUECE, 2013.

13

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2021.

MÉSZÁROS, István. **Educação para além do capital**. 3° ed revista. São Paulo: Boitempo, 2021.

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 40, 2009.

SHIROMA, Eneida Oto.; CAMPOS, Roselane Fátima. Qualificação e reestruturação produtiva: um balanço das pesquisas em educação. **Educação & Sociedade**, nº 61, 1997.

TONET, Ivo. **Educação, cidadania e emancipação humana**. Ijuí: Editora Unijuí, 2020.

---

<sup>i</sup> **Stephanie Barros Araújo**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9134-7557>

Secretaria Municipal de Educação

Doutora em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora da Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza – SME. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Trabalho e Política Educacional (GPTPOED).

Contribuição de autoria: Pesquisa e escrita.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0533555395692505>

E-mail: [profastebarrros@gmail.com](mailto:profastebarrros@gmail.com)

<sup>ii</sup> **Alisson Slider do Nascimento de Paula**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6356-3773>

Universidade Estadual Vale do Acaraú

Doutor em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor Adjunto da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual Vale do Acaraú (FEF/UVA). Pesquisador do Grupo de Pesquisa em Trabalho e Política Educacional (GPTPOED).

Contribuição de autoria: Orientador do trabalho. Contribuiu na análise do conteúdo e na redação do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3146925262670810>

E-mail: [alisson.slider@yahoo.com](mailto:alisson.slider@yahoo.com)

**Editora responsável:** Arliene Stephanie Menezes Pereira Pinto

14

Recebido em 20 de setembro de 2024.

Aceito em 29 de outubro de 2024.

Publicado em 02 de dezembro de 2024

**Como citar este artigo (ABNT):**

ARAÚJO, Stephanie Barros; PAULA, Alisson Slider do Nascimento de. Educação para o mercado? Considerações acerca da formação docente do século XXI. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 5, n. 1, 2024.